

Cada um no seu lugar

por R. Fragoso

22/1/86

FRANCAMENTE, nunca pensei que pudéssemos um dia chegar a este ponto. Mas, infelizmente, chegámos. Infelizmente para a maioria, felizmente para alguns.

Refiro-me à atitude que têm as pessoas que devem servir, perante aquelas a quem devem servir. Vamos a casos concretos.

«Todo o mundo» sabe das dificuldades que o sector de transportes públicos atravessa, não só aqui na capital, como também em todo o País. Sabemos que nem todos os que estão à frente dos TPU, dos CFM, das LAM ou de outras instituições do sector são uns bandidos que querem ver a vida do cidadão a correr mal. Acreditamos que ainda há lá quem esteja interessado em que a situação melhore. Por isso mesmo, pensamos que, por exemplo, nos TPU faz-se diariamente uma «ginástica» para que pelo menos alguns autocarros circulem na cidade. É preciso reconhecer esse esforço, porque embora eu não entenda patafina do assunto, acredito, sinceramente, que alguém se esforça para que Maputo tenha alguns machimbombos em circulação.

Acontece, entretanto, que esse esforço é manchado pela forma errada como os TPU lidam com o público. Por exemplo, os TPU tiveram necessidade — penso eu que foi mesmo uma necessidade — de eliminar algumas carreiras. Há meses que várias carreiras deixaram de circular. OK! Acredito que isso obedeceu a qualquer critério e que talvez não houvesse outra solução. Mas então por que não informar

os residentes da zona abrangida que a partir do dia X ou Y a área deixará de ter um machimbombo? Informar, repito. Não digo que os TPU desloquem um seu funcionário ao bairro para fazer um comício a explicar que já não pode haver machimbombo por isto ou aquilo. Penso que os TPU têm ainda alguns meticais para poderem pagar um anúncio no jornal ou na rádio, informando que em virtude disto ou daquilo, a zona deixará de beneficiar de autocarros.

Os TPU estão para servir o público e não o público aos TPU. Por isso mesmo, os TPU têm obrigações para com o público, têm a obrigação de transportar o público nas linhas que os próprios TPU criaram. Se por qualquer motivo há necessidade de suspender o cumprimento desta obrigação, há também necessidade de informar os utentes dos autocarros.

Senão seremos nós, o público, a servir os TPU e não o contrário. Senão seremos nós, o público, a ter que justificar ao cobrador que não temos dinheiro trocado, e não o contrário.

Esta falta de respeito para com aqueles que devem ser servidos manifesta-se ainda em outros muitos sectores. Não é só os TPU, não. É em quase todo o lado, desde o bazar ao restaurante, do aeroporto à Esquadra da Polícia da repartição pública ao cinema. Não há respeito pelo público. O público virou agora servido dos que o deveriam servir. E isto não pode ser assim, claro. Cada um no seu lugar.